

"Manda Pix" e as reinvenções tecnodiscursivas e intersemióticas na prostituição masculina em um aplicativo *gay*

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3490>

Marcos da Silva Cruz¹

Resumo

Embora presumido como um mecanismo comunicativo restrito aos contatos bancários, o enunciado "manda pix" também emergiu como um gesto comunicativo nas práticas de prostituição masculina no aplicativo gay Grindr. Com o objetivo de analisar as condições enunciativas que textualizam a expressão nas dinâmicas de sexo tarifado entre homens, defendo que o "manda Pix" materializa o funcionamento interdiscursivo das práticas de envio de fotos com nudez e a tarifação das trocas, bem como estabelece réplica com os modos de organização tecnodiscursiva do aplicativo. Assim, cotejo as inscrições enunciativas verbovisuais associadas ao pix e aos módulos do aplicativo, identificando os recursos técnicos e suas motivações discursivas de textualidade. Concluo que os enunciados demonstram a vigência de um processo de tentativa de imposição de uma imagem ideal de usuário, alguém da prostituição, e um processo de reinvenção tecnodiscursiva por parte dos integrantes das dinâmicas tarifadas de encontro.

Palavras-chave: Interdiscurso; tecnodiscursividades; prostituição masculina; Grindr.

¹ Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC/PA), Belém, Pará, Brasil; marcozcruz.ifpa@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2697-4236>

“Send pix” and the technodiscursive and intersemiotic reinventions in male prostitution on a gay app

Abstract

Although presumed to be a communicative mechanism restricted to banking contexts, the utterance “manda Pix” also emerged as a communicative gesture in male prostitution practices on the gay app Grindr. In order to analyse the enunciative conditions that textualize the expression in the dynamics of paid sex between men, I argue that “manda pix” materializes the interdiscursive functioning of the practices of sending nude photos and charging for exchanges, as well as establishing a dialogue with the app’s technodiscursive modes of organization. Thus, I compare the verb-visual enunciative inscriptions associated with Pix and the modules of the app, identifying the technical resources and their discursive textual motivations. I conclude that the enunciations show that there is a process of trying to impose an ideal image of the user, one that distances itself from prostitution, and a process of technodiscursive reinvention by participants in the dynamics of priced meetings.

Keywords: Interdiscourse; Technodiscursivities; male prostitution; Grindr.

“Mandar pix” como expansão semântica de um termo

Em 2020, as transações econômicas foram alteradas em razão da readequação das trocas monetárias proporcionadas pelo lançamento do sistema de envios rápidos, o “Pix”. De acordo com a definição do Banco Central, as dinâmicas de funcionamento desse recurso viabilizavam a realização de pagamentos instantâneos, a qualquer hora, dia e lugar, o que repercutia na diminuição do intervalo temporal entre a transferência de uma conta para outra e a confirmação da chegada dos montantes transferidos. Com efeito, as pessoas passaram a aderir exponencialmente a essa modalidade, como indica a média de transações entre março de 2024 e março de 2025, que atingiu o patamar de 5.352.099 milhões, bem como passaram a mobilizar textualmente a expressão “manda Pix” como sintoma dessa mudança econômica na vida cotidiana.

Nos primeiros momentos de uso, as práticas discursivas associadas à expressão “me faz um Pix” pareciam circunscritas ao campo econômico, estabelecendo-se predominantemente nas interações entre clientes e instituições bancárias. No entanto, observei a recorrência dessa expressão e de recursos semióticos constitutivos dos ambientes digitais em perfis de garotos de programa no aplicativo de encontros voltado ao público *gay*, Grindr. Tal constatação suscitou uma série de questionamentos a respeito da ampliação semântica da expressão, resultante de seu deslocamento para outras práticas discursivas. Diante disso, formulei a seguinte pergunta de pesquisa: quais são as condições de enunciação que sustentam a textualidade da expressão “me faz um Pix” e suas inscrições iconotextuais correlatas nas práticas de prostituição masculina?

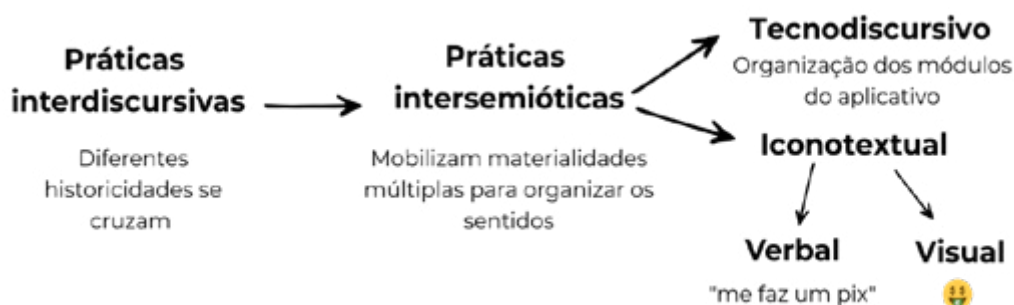
Defendo que o enunciado “manda Pix” e suas manifestações correlatas operam por meio de um processo interdiscursivo, materializado por práticas intersemióticas, como uma estratégia que reinventa formas de sociabilidade específicas aos usuários e à integração em um grupo identificável por estabelecer interações amorosas e/ou sexuais tarifadas. No campo das práticas interdiscursivas, o enunciado articula simultaneamente os campos econômico e sexual, demonstrando os agenciamentos realizados pelos garotos de programa. Esses agenciamentos, por sua vez, manifestam-se por materialidades semióticas específicas: os garotos de programa utilizam, na região do nome de usuário, indicativos de sua condição ou símbolos monetários; o aplicativo projeta representações ideais dos usuários ao delimitar as formatações dos módulos para o preenchimento de um perfil.

A partir dos conceitos de prática interdiscursiva, intersemiótica (Maingueneau, 1993, 2008, 2017) e tecnodiscursiva (Paveau, 2013, 2015, 2021), analiso as formas de manifestação do enunciado “manda Pix” em nove perfis de garotos de programa e as relações enunciativas com a composição dos perfis. Para isso, apresento, na primeira parte, as relações entre os conceitos balizadores supracitados, relacionando-os ao contexto da prostituição masculina. Na segunda parte, sintetizo o percurso metodológico. Na terceira, analiso as condições enunciativas que sustentam o enunciado eleito, bem como relaciono esses condicionantes ao percurso de restrições sobre a participação dos garotos de programa no Grindr. Por fim, encerro o texto com a indicação dos campos econômico e sexual como constituintes do enunciado, e da mobilização de semioses verbais, visuais e tecnodiscursivas como palco de uma disputa pelo apagamento e pela inscrição da presença dos garotos de programa.

As práticas interdiscursivas: condições de materialização semiótica da prostituição em aplicativos

Para entendermos o funcionamento das dinâmicas de interação entre os garotos de programa que habitam o aplicativo de relações homoeróticas Grindr, é preciso esquematizar as relações entre três processos discursivos. De acordo com a figura 1, as homosociabilidades constituídas no ambiente digital são nutridas pelo funcionamento de práticas interdiscursivas, as quais se manifestam por meio de diferentes materialidades semióticas e ganham corpo na disputa pelos espaços de visibilidade por meio da organização tecnodiscursiva e da gramática semiótica mobilizada pelos integrantes da prostituição.

Figura 1. Processos discursivos implicados nas textualizações do enunciado “me manda um pix”



Fonte: Elaboração própria

Para Maingueneau (2008), a análise de um discurso selecionado como objeto de investigação pressupõe o reconhecimento e o vislumbre ainda que perimetral – de outros discursos com os quais estabelece diálogos. Nos termos do autor, o exercício analítico em Análise do Discurso (doravante AD) estaria voltado menos à constituição de uma unidade de análise monolítica, considerada como discurso, e mais ao cotejamento do “espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (Maingueneau, 2008, p. 20).

Nesse sentido, a constituição das relações entre os discursos é resultante de um trabalho empírico sobre a formação de um campo discursivo. Para Maingueneau (2008), o campo discursivo é fruto das constatações empíricas do pesquisador e do mapeamento das relações de oposição entre posicionamentos distintos. No fenômeno de linguagem eleito (as condições enunciativas de emergência do enunciado “me faz um Pix” e seus correlatos), o campo discursivo pode ser delineado a partir dos modos de caracterização dos procedimentos que constituem o fazer laboral da prostituição masculina.

Como parte de meu projeto de investigação, pretendo caracterizar como, de um lado, opera um aparato discursivo sustentado por tentativas de apagamento da presença de garotos de programa e, de outro, como esses mesmos sujeitos reinventam o uso de recursos semióticos para inscrever suas presenças no Grindr.

Os espaços de disputa que constituem o campo discursivo se valem de sentidos historicamente cristalizados para forjar a naturalidade de determinados posicionamentos. Segundo Maingueneau (2008), o interdiscurso funciona como um espaço de projeção de regularidades. Tais regularidades criam fios de identificação dos traços que tornam um discurso “característico”, ao mesmo tempo em que sinalizam suas relações com outros discursos. Um exemplo dessas regularidades é analisado pelo autor ao caracterizar o humanismo devoto, cujos enunciados voltados à celebração da grandiosidade religiosa

— como as entidades divinas — constituíam a “identidade” dos sujeitos que partilhavam seus valores e, simultaneamente, se contrapunham ao jansenismo.

As regularidades representam significados comumente associados aos modos de funcionamento de uma sociedade e/ou de determinados grupos sociais. No que diz respeito à caracterização dos modos de identificação dos garotos de programa, essa constância de significação histórica estaria associada aos comportamentos forjados como instituintes da figura do garoto de programa, aos valores circulantes entre os homens que integram a prostituição e aos níveis de reconhecimento (ou não) da integração ao grupo designado pelo epíteto “garotos de programa”.

A historicidade dessas formas de descrição pode ser mapeada por meio das representações históricas, que impõem restrições semânticas sobre comportamentos e sujeitos. Como analisa Ribeiro (2016), a prostituição permanece atrelada à ideia de promiscuidade, descuido com a vida pública e negligência com a saúde sexual. Essa imagem reverbera na concepção de que os garotos de programa estariam associados a práticas criminosas, devendo ser alvos de constante suspeição. Além disso, suas formas de interação, mediadas por trocas monetárias, são capturadas como moralmente reprováveis, por colocarem em xeque a naturalidade das relações baseadas na ideia de amor romântico e procriação.

Como dito, essa forma historicamente construída da prostituição – bem como as formas de resistência empreendidas por garotos de programa – pode ser constatada por meio do uso de materialidades semióticas múltiplas, constituindo uma prática intersemiótica. Para Maingueneau (2008), ainda ressoa um problema operacional no desenvolvimento de pesquisas em AD, uma vez que persiste um regime de limitação e oposição quanto ao tipo de material linguageiro eleito para a investigação. Nos termos do autor,

Limitar o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa ‘intersemiótica’, mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes semióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas. [...] O pertencimento a uma mesma prática discursiva de objeto derivada de domínios semióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas (Maingueneau, 2008, p. 138).

O pensamento do autor é profícuo para os propósitos desta pesquisa, uma vez que a observação do campo discursivo e dos modos de textualização das disputas entre discursos pode se manifestar em semioses distintas ou em arranjos convergentes a determinados posicionamentos. Esses posicionamentos, que caracterizam um discurso,

como indica o autor, estão “submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas”, isto é, orientados à textualização de formas de significação sobre os sujeitos, suas condutas e os mecanismos de reconhecimento público (ou sua negação). Dessa forma, “uma mesma prática discursiva” – como a inserção de perfis de garotos de programa no Grindr – pode mobilizar domínios distintos (verbais, visuais, sonoros etc.) com o intuito de ratificar e/ou atualizar posicionamentos historicamente cristalizados.

Em direção à percepção dessa gramática semiótica no Grindr, também mobilizo o conceito de “prática tecnodiscursiva”. Marie-Anne Paveau (2012) caracteriza as articulações entre os recursos tecnológicos e o funcionamento discursivo como práticas tecnodiscursivas, uma vez que os enunciados só tomam forma e manifestam suas funcionalidades a partir dos recursos disponíveis em cada *site*, rede social ou aplicativo. Nos termos da autora,

[...] os objetos são portadores de recursos linguísticos, isto é, ‘possibilidades linguísticas’, para usar a expressão de Gibson. Essas possibilidades são de diferentes tipos, que ainda precisam ser inventariadas e a serem descritas: nível de tipo de discurso, o *layout* gráfico, a forma prosódica, a forma interacional de memórias diferentes no trabalho do discurso (semântica, memória discursiva). Essas possibilidades linguísticas são permitidas por uma série de características do objeto (seu ‘*design* linguístico’, de certa forma) no que diz respeito a sua relação com a linguagem (Paveau, 2012, p. 55).

As práticas tecnodiscursivas permitem apreender um processo histórico recente no qual as possibilidades de uso linguístico (multisemiótico) vinculam-se diretamente aos recursos digitais. Tais recursos operam em diferentes níveis e mobilizam distintas formas de “trabalho do discurso”. Para a análise tecnodiscursiva no Grindr, selecionamos o nível do tipo de discurso, o *layout* gráfico e as formas interacionais ancoradas em diferentes memórias discursivas. Essas dimensões tecnodiscursivas atravessam os diversos módulos do Grindr, recortando as possibilidades de ser e estar dos sujeitos no mundo. No caso da prostituição masculina, as subjetividades dos garotos de programa são perfiladas na travessia dos corpos pelas diferentes regiões modulares que compõem o aplicativo, em direção à concretização de um perfil.

Ao falarmos em módulos, regiões modulares ou termos correlatos, anco-ro-me na noção discursiva de módulo proposta por Dominique Maingueneau (2017). A relevância do conceito reside no caráter enfático atribuído às zonas de passagem dos corpos e em como essas zonas ativam, pontualmente, um conjunto de formações discursivas acerca de traços diferenciais de subjetividade, que podem ou não ser indexados a uma leitura hegemônica da prostituição. Dito de outro modo, a imagem que identifica um garoto de programa como tal é forjada como um imperativo na lógica da prostituição masculina. Contudo, não se trata de uma dimensão ontológica dos sujeitos: ao contrário, essas

imagens são construídas, reiteradas e performadas por eles no interior das práticas de inscrição de suas presenças na dinâmica digital do sexo tarifado.

Metodologia

Como sinalizado na seção anterior, a caracterização de um campo discursivo pressupõe um gesto empírico primário, de caráter etnográfico, voltado à observação das interações nos ambientes comunicativos. Nesse sentido, o primeiro momento da investigação foi marcado pela utilização do aplicativo, o que permitiu constatar a regularidade do uso de emojis e de expressões associadas à ideia de “mandar pix” — como “me faz um pix” e “ativo afim de pix” — nos nomes (nicknames) dos garotos de programa. Como segundo movimento, registrei o percurso necessário à composição de um perfil, com o objetivo de compreender as restrições e aberturas disponíveis para que um garoto de programa inscreva legitimamente sua presença no Grindr.

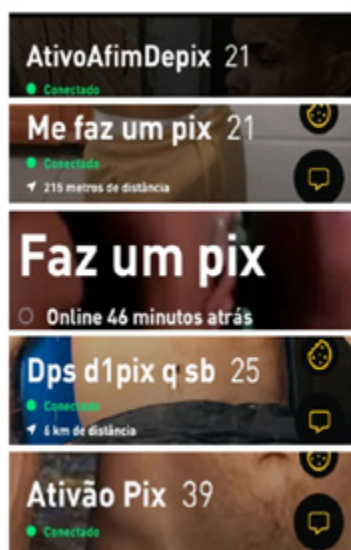
No terceiro momento, voltado à coleta e organização dos dados, estabeleci os critérios de seleção dos perfis e os procedimentos de processamento. Para a escolha dos perfis, defini os seguintes critérios: a) localização geográfica na região metropolitana de Belém (com base no sistema de geolocalização do aplicativo); b) presença, no nome do usuário, dos termos “PG”, “GP” e/ou de emojis associados a dinheiro. Além disso, considerando as variações espaço-temporais, é importante registrar que o mapeamento dos perfis foi realizado entre outubro de 2021 e julho de 2022.

“Manda Pix”, o funcionamento interdiscursivo e os regimes de restrições na prostituição masculina no Grindr

Com o objetivo de responder às perguntas de pesquisa — quais são as condições de enunciação que sustentam a textualidade da expressão “me faz um Pix” e suas inscrições iconotextuais correlatas nas práticas de prostituição masculina? —, defendo que essa sustentação se dá por meio do funcionamento de uma prática interdiscursiva entre o campo econômico e o campo sexual.

Neste primeiro momento, detenho-me na análise dos modos de inscrição dos endereçamentos históricos a partir dos quais o enunciado “manda Pix” e suas variantes encontram sustentação. Durante o levantamento do *corpus*, foi possível identificar cinco variantes associadas ao movimento de “mandar Pix”, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3. Identificações a partir da expressão “manda Pix”



Fonte: Cruz (2022)

De acordo com os dados obtidos, é possível identificar duas orientações centrais que balizam o uso da expressão “manda Pix” na identificação dos sujeitos, para além da inserção na prostituição. A primeira refere-se à condição de realização dos papéis sexuais ou de qualquer tipo de interação (síncrona ou assíncrona), mediada pelo envio de pagamentos representados pelo “Pix”. Os usuários “AtivoAfimDepix” (1), “Depois de um pix que sobe” (4) e “Ativão Pix” (5) mobilizam a historicidade dos papéis sexuais de atividade como uma dimensão simbólica de autovalorização e como mediador das trocas monetárias.

Saez e Carrascosa (2016), ao analisarem as semânticas implicadas no exercício sexual envolvendo o pênis e o ânus, destacam que o uso falocêntrico, nas sociedades ocidentais, ocupa um lugar de valorização diferencial, no qual o papel de quem penetra – o “ativo”, o “ativão” ou “[o pênis] só sobe com o pix” – é hierarquicamente superior ao de quem é penetrado. Soma-se a isso o movimento crescente, no interior das comunidades LGBTQIAPN+, de ratificação da ideia de escassez de homens que se identificam como ativos sexualmente. Com isso, configura-se uma condição de enunciação em que “ser ativo” constitui uma moeda simbólica de troca, singularizando a imagem dos garotos de programa.

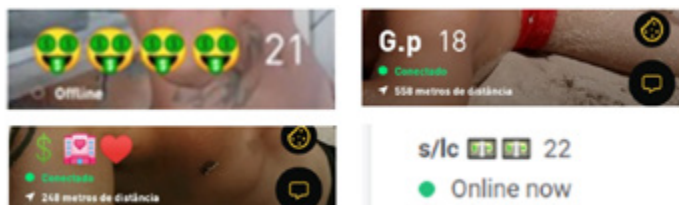
Além disso, no âmbito das práticas de desejabilidade homoerótica, os participantes dos anúncios balizam suas inscrições no Grindr por meio da recuperação da lógica de “mandar nudes”. Esse procedimento pode ser compreendido à luz dos pressupostos envolvidos no envio de valores, na medida em que os garotos de programa solicitam o Pix como condição para a troca de fotos e vídeos íntimos de natureza erótico-sexual.

Conhecida como “mandar nudes”, essa prática mostrou-se alinhada à lógica do aplicativo, pois, como aponta Cruz (2020), a troca de fotos – especialmente aquelas que evidenciam zonas erógenas como pênis e glúteos – é parte do ritual de adensamento do desejo do interlocutor. Assim, o trabalho dos garotos de programa articula, simultaneamente, a dimensão monetária e uma prática discursiva naturalizada na economia libidinal do Grindr: o envio de imagens íntimas como prelúdio para qualquer contato posterior.

Para além da valorização simbólica sustentada por uma lógica falocêntrica, a segunda orientação balizadora da expressão “manda Pix” remete à recuperação das trocas monetárias como eixo central no compartilhamento de materiais erótico-sexuais e/ou na realização de atendimentos presenciais. Isso pode ser observado em enunciados como “Me faz um Pix” (2) e “Faz um Pix” (3), nos quais os garotos de programa retomam uma compreensão historicamente sedimentada da prostituição como um fenômeno social mediado pelo pagamento, o que singulariza suas presenças e indexa suas interações ao condicionante financeiro.

A mobilização de recursos semióticos verbais voltados à marcação das relações econômicas também se manifesta por meio de elementos visuais, como o uso de emojis, conforme ilustrado na Figura 4.

Figura 4. Identificações verbo-visuais de si



Fonte: Cruz (2022)

Os garotos de programa tornam-se presentes no ambiente do aplicativo por meio da textualização de siglas como “PG” (que pode ser interpretada tanto como “pago” quanto como referência a relações amorosas ou sexuais mediadas por pagamento) e “GP” (forma mais convencional para designar “garoto de programa”). Além das siglas, nota-se a recorrente mobilização de recursos semióticos não verbais, como *emojis* que remetem à monetização (\$), ao dinheiro (💰) e ao desejo de interações pautadas por trocas tarifadas (💰). Esses recursos semióticos, que a princípio não estariam diretamente vinculados ao eixo da prostituição, são ressignificados em práticas discursivas que colocam em circulação sujeitos historicamente marginalizados nas dinâmicas interacionais do aplicativo.

A retomada da ideia de preço, nesse contexto, não deve ser compreendida como indicativo de uma posição de vulnerabilidade dos garotos de programa, mas sim como uma

estratégia discursiva que alinha seus comportamentos aos estereótipos historicamente associados à prostituição masculina. Russo (2007) observa que, embora a prostituição não se resuma ao valor monetário atribuído a um encontro erótico-sexual, a estipulação de um valor explícito objetiva o acesso ao serviço e reforça a dimensão simbólica da oferta. Nesse sentido, o campo sexual – subsidiado por práticas como o “mandar nudes” – se entrelaça ao campo econômico em uma dinâmica de aproximações e inflexões que estruturam as condições de êxito e de mediação nas interlocuções promovidas no aplicativo.

Ainda, a composição dos nomes de usuário revela um processo de reinvenção tecnodiscursiva e semiótica. Os garotos de programa empregam estratégias de atenuação dos marcadores explícitos de troca financeira por materiais erótico-sexuais, evitando enunciados como “mande dinheiro para eu te mandar fotos pelado” ou “para termos um encontro sexual”. Essa escolha não apenas preserva o rito da negociação, como também prolonga a expectativa em torno da interação. Perlongher (1986), ao estudar práticas *off-line* de michetagem, já apontava que, embora os michês exibissem seus corpos em espaços públicos, a efetivação do ato sexual era mediada por complexas negociações (valores, práticas, fetiches), cabendo aos clientes-em-potencial exercer o efêmero poder de “compra” de um bem desejado.

Nos perfis analisados, esse jogo de poder é mobilizado pelos próprios garotos de programa, sobretudo pela escolha das formas verbais. As expressões “Me faz um Pix” (2) e “Faz um Pix” (3) exemplificam isso: o uso do imperativo com o verbo “fazer” confere ao interlocutor – possível cliente – a agência de acesso ao corpo do garoto de programa, transformando-o simbolicamente em um objeto disponível, cuja apropriação depende da concretização do pagamento. Desse modo, a lógica produtor-consumidor do campo econômico é ativada como forma de organizar as condições de acesso e usufruto de experiências sexuais no aplicativo.

Em segundo plano, a composição dos *nicknames* também reflete as limitações técnicas impostas pelo funcionamento do Grindr. Acompanhando as proposições de Paveau (2021), entende-se que a adoção de siglas, reduções e recursos sintéticos decorre das determinações estruturais do ambiente digital. A título de exemplo, o perfil “Depois de um Pix que sobe” (4) evidencia o esforço em adaptar o posicionamento discursivo ao número restrito de caracteres disponíveis, optando por manter consoantes e verbos centrais que permitam o reconhecimento do enunciado, mesmo que abreviado.

Dessa forma, observa-se que a textualização de expressões relacionadas ao “Pix” se inscreve em um regime interdiscursivo, no qual práticas do campo econômico (“mandar Pix”) e do campo sexual (“mandar nudes”) se entrelaçam. Esse regime opera pela articulação de materialidades verbais e pela ativação de significações específicas, permitindo uma inserção mais estratégica nas interações do aplicativo e ampliando as

possibilidades de êxito nas mediações com clientes-em-potencial. Ao mesmo tempo, o trânsito dessas expressões entre diferentes campos discursivos – econômico e homoerótico – subverte a ideia de naturalidade associada ao enunciado “manda Pix”, evidenciando sua circulação por corpos e práticas historicamente excluídos de espaços institucionais formais de desejo.

Após investigar os modos de endereçamento que sustentam a emergência de enunciados como “manda Pix”, é necessário também considerar as condições que viabilizam sua circulação no contexto do aplicativo. Nesse sentido, defendo que o Grindr adota um posicionamento restritivo em relação à presença de garotos de programa, construindo, ao longo de sua interface, zonas simbólicas nas quais tais sujeitos não teriam lugar. O aplicativo recorre, portanto, a outras formas semióticas para sinalizar os tipos de usuários ideais que deveriam compor seu ecossistema interacional.

Propõe-se, assim, observar a trajetória de composição de um perfil e cotejar os módulos que delimitam os sujeitos e as naturezas relacionais aceitáveis. Embora haja predominância de um regime normativo, é justamente nesse cenário que os garotos de programa operam reinvenções intersemióticas, tensionando os limites do espaço digital. O primeiro módulo a ser considerado é aquele relativo à página de *download* do Grindr (figura 5, da esquerda para a direita), que representa o ponto de entrada e de visibilidade inicial dos garotos de programa, atraindo-os pelas promessas de interações facilitadas e liberdade de expressão.

Figuras 5. O Grindr na loja de aplicativos, as fotos NSFW, os objetivos no aplicativo e os locais de encontro



Fonte: Cruz (2022)

O título emerge como primeira inscrição, situando-o na historicidade das formas de relacionamento entre sujeitos homoeróticos. A organização sintagmática dos termos “chat, encontros e namoro gay” estabelece uma relação dialógica (Voloshinov, 2018) com outros enunciados sobre as formas de interação que sujeitos dissidentes em gênero e sexualidade estabelecem. Diante de um passado de culpabilização das experiências não heterossexuais, Kaye (2004) descreve a projeção das interações homoeróticas

como pautadas exclusivamente em relações sexuais, sem envolvimento afetivo e de curto prazo. Esse aspecto, embora presente em algumas relações, é instituído como um paradigma e consolidado como parâmetro na construção de um estereótipo.

Em resposta a uma prática interdiscursiva marcada pela tentativa de consolidar uma compreensão depreciativa dos tipos de relacionamentos interpessoais, os elaboradores do aplicativo propuseram um regime de sociabilidade pautado numa organização sistemática de etapas, com o intuito de ressignificar a imagem interrelacional entre sujeitos homoeróticos frente à sociedade heteronormativa e entre seus próprios pares. Nesse sentido, delineia-se um arquétipo para as *performances*, organizadas em etapas a serem seguidas, nas quais os sujeitos precisam, sequencialmente, (i) conversar por meio do aplicativo, (ii) realizar encontros e, posteriormente, (iii) concretizar seus envolvimento afetivos por meio do namoro. Assim, a questão deixa de ser a superficialidade que supostamente caracterizaria as relações homoeróticas – o que permitiria sua condenação unívoca – para se tornar o aprofundamento nas minúcias que singularizam essas formas de envolvimento.

Apesar da aparente restrição imposta aos sujeitos envolvidos na prostituição masculina, observa-se a emergência de um regime de reinvenções semióticas, materializado pelo termo “encontros” e pela amplitude semântica mitigada e plasmada por ele. A ausência de uma determinação precisa da natureza dos encontros abre espaço para a inscrição discursiva de tipos de envolvimento mediados por trocas financeiras, permitindo, assim, certa margem de inserção dos garotos de programa nas práticas sociais desenvolvidas no Grindr.

Outras duas manifestações tecnodiscursivas dizem respeito à restritividade da atuação dos garotos de programa em relação à exibição de fotos NSFW (i.e., que apresentam conteúdo com nudez) e aos possíveis objetivos dos usuários, como pode ser verificado na figura 5 (segunda e terceira imagens da esquerda para a direita).

No que se refere à possibilidade de apresentação de fotos de corpos desnudos, o Grindr limita a exibição desse tipo de material visual de estimulação do desejo, restringindo-a exclusivamente ao bate-papo privado. Essa delimitação torna-se evidente no momento em que o termo “aceitar”, inscrito no título do módulo, indexa à lógica de comunicabilidade entre usuários, marcada pelos atos de envio e aceite de imagens que evidenciam órgãos sexuais. Essa restrição contrasta com outros suportes em que a prostituição masculina se realiza, pois, conforme Kronka (2005), a exposição do corpo nu em revistas e *sítes* especializados não é tratada como problemática. O efeito dessa diferença é o acirramento das condições mínimas de espetacularização do corpo desde o primeiro momento de circulação dos usuários no aplicativo.

No campo de delimitação dos objetivos, constata-se a ausência de referência direta à possibilidade de dinâmicas de sexo tarifado. Isso não significa, contudo, que não haja abertura para sua incidência e sinalização por parte dos garotos de programa. A expressão “agora” atua como demarcadora desse espaço deslizando, concretizando-se como uma estratégia de diferenciação dos objetivos interacionais em relação aos usuários não participantes dessas dinâmicas – desde que essa sinalização seja arquitetada em conjunto com outros elementos de identificação, como os *nicknames*, analisados anteriormente.

Juntamente com os módulos de escolha de envio/recebimento de fotos de corpos desnudos e dos objetivos de interação, os garotos de programa também se deparam, nesse trajeto, com sinalizações acerca dos possíveis locais de encontro (quarta imagem da esquerda para a direita). Além da ambiguidade do termo “encontros”, destacamos esse módulo pela necessidade de historicizar os espaços públicos em que os corpos abjetificados são dispostos. Isso significa reconhecer que, diferentemente do período ditatorial vivenciado na cultura brasileira, os espaços ampliaram-se – das ruas e saunas (Cruz, 2022) para casas, bares, cafeterias, entre outros. Todos esses logradouros são atravessados por compreensões históricas que, majoritariamente, expurgam os corpos da manifestação pública homoerótica, embora também registrem processos de ressignificação na proposta do aplicativo. De todo modo, essa exigência de performatividades específicas repercute na estrutura do aplicativo, constituindo um horizonte de significação para as ambientações e os tipos de interação.

Considerações finais

A insurgência, no campo econômico, do mecanismo de envio instantâneo de valores monetários, conhecido como “Pix”, alterou as formas de interação social. O que talvez não fosse esperado era o redirecionamento de uso e de remissão linguística para as práticas de sexo tarifado. De um certo grau de surpresa, emergem os dados sobre o funcionamento interdiscursivo do enunciado “manda Pix” e de expressões corretadas, bem como o descortinamento de uma arquitetura intersemiótica, em que se desdobram os posicionamentos de apagamento da possibilidade de presença de garotos de programa no aplicativo e as táticas de reinvenção semiótica por parte dos integrantes de dinâmicas de sexo tarifado.

Com a análise do enunciado “manda Pix” e construções análogas, constatei que uma das condições de enunciação reside na intersecção dos campos econômico e sexual. “mandar Pix” e “mandar nudes” operam como mobilizações de práticas constituintes das dinâmicas de desejabilidade homoerótica no Grindr, assim como visam instituir a mediação monetária como um condicionamento do acesso aos garotos de programa. Essa ênfase à dimensão das trocas monetárias, materializada pelo uso de *emojis* (\$, 💰 e 🍷), recuperam a imagem social da prostituição em que o preço e o pagamento são o cerne das interações.

Esses agenciamentos realizados pelos garotos de programa situam-se em regime de réplica ao posicionamento do Grindr sobre a presença de integrantes da prostituição. Os elementos semióticos estruturantes dos módulos de preenchimento de um perfil funcionam como práticas tecnodiscursivas, nas quais os materiais semióticos verbais são organizados de forma a não permitir a explicitação dos propósitos interacionais dos garotos de programa, limitando o horizonte de expectativas a uma noção de usuário ideal. Contudo, na medida em que tentam restringir as inscrições deles, os homens integrantes da dinâmica de sexo tarifado se valem de deslizes semânticos, como a noção de “encontro” e de “agora”, para ampliar as possibilidades de interação com outros usuários e viabilizar minimamente o projeto interacional de base monetária.

Referências

CRUZ, M. da S. Masculinidades e discrição em um aplicativo de relacionamento: discursos sobre identidades homossexuais masculinas. *Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem*, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2020.

CRUZ, M. da S. Corpo, virilidade e desejo: as práticas discursivas de masculinidade em duas cenas da prostituição brasileira. In: BOMFIM, W. Q.; LIMA, H. S. da S. (org.). *Estudos de Gênero e sexualidade na contemporaneidade*. Tutoia: Diálogos, 2022.

KRONKA, G. Z. *A encenação do corpo: o discurso de uma impressa (homo)erótico-pornográfica como prática interdiscursiva*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.


MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes e Editora da Unicamp, 1993.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web? *Revista da ABRALIN*, v. 15, p. 135-160, 2017.

PAVEAU, M.-A. Ce que disent les objets. Sens, affordance, cognition. *Synergies Pays reverains de la Baltique*, n. 9, p. 53-65, 2012.

PAVEAU, M.-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. *Épistémè: revue internationale de sciences humaines et sociales appliquée*, v. 9, n.1, p. 139-176, 2013.



PAVEAU, Marie-Anne. En naviguant en écrivant réflexions sur les textualités numériques. *Policromias* - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 2, n. 1, p. 11-27, 2015.

PAVEAU, M.-A. *Análise de discurso digital: dicionário de formas e das práticas*. Orgs. Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. São Paulo: Pontes, 2021.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RIBEIRO, K. de M. Mulheres honestas e prostitutas: análise discursiva de uma divisão lógico-jurídica. *Estudos Linguísticos*, v. 45, n.3, 2016.

RUSSO, G. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. *Cadernos CRH*, v. 20, n. 51, p. 497-514, 2007.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. *Pelo cu: políticas anais*. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.